

Quando as mulheres contam histórias: *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) – a construção da memória familiar pela contação de histórias

When women tell stories: A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas (2002) – the construction of familiar memories through story telling

* Pós-doutorando em Literatura, Memória e Cultura no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, bolsista CAPES/BRASIL. Doutor em Estudos Literários pela Universidade de Vigo-UVIGO/Espanha em cotutela com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/Brasil. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: cristianjlopez2@gmail.com; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7391-8395>

**Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução, pela Universidade de Vigo-UVIGO-Espanha, com Bolsa da CAPES; Mestrado e Doutorado em Letras, pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Atualmente, é Professor de Literaturas Hispânicas e Cultura Hispânica na graduação em Letras da UNIOESTE, campus de Cascavel-PR. Atua no Programa de Pós-Graduação acadêmico em Letras da instituição, na área de Literatura Comparada e Tradução, e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional-Profletras na área de Literatura Infantil e Juvenil. Líder do Grupo de Pesquisa Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção vias para a descolonização. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br; ORCID ID <http://orcid.org/0000-4228-2566>

***Doutora em Ciência da Literatura-UEMA/UFRJ, mestra em Teoria da Literatura-UFPE. Atualmente é Professora Adjunto II, Diretora dos Cursos de Letras do Centro de estudos superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão. Docente do Mestrado em Letras/UEMA. Coordenadora da Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa – CESC. Membro do Núcleo Estruturante do Curso de Letras do CESC/UEMA. Líder do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense-NuPLiM/CNPq-CESC/UEMA. Pesquisadora no Grupo de Estudos Literários Memória e Arte- GELMA/CNPq – CESC-UEMA. Membro do CEP (Conselho de Ética em Pesquisa) da UEMA. Coordenadora da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras-LICLE/CESC-UEMA. E-mail: sogemorais@gmail.com; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1902-4630>

Cristian Javier Lopez*

Universidade de Vigo

Gilmei Francisco Fleck**

Universidade de Vigo

Solange Santana Guimarães***

Universidade Estadual do Maranhão

Resumo: Neste texto buscamos mostrar como as tradições da oralidade são incorporadas, também, pela escrita romanesca hodierna latino-americana (OLIVEIRA, 2019). Para isso, propomos realizar a leitura do romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Maria José Silveira. Essa obra é por nós classificada como um romance histórico contemporâneo de mediação, de acordo às proposições teóricas de Fleck (2017). As características dessa modalidade expressiva do gênero são apontadas por nós ao longo do texto e suas especificidades são discutidas com base, também, em Klock (2020), Oliveira (2019), entre outros. Na diegese desse romance, a narradora exerce a função de “contadora de histórias” (SANTOS; APOEMA; ARAPIRACA, 2018), traço cultural dos povos ancestrais da América. Por meio da evocação das memórias familiares, a enunciação destaca a importância das mulheres na construção da sociedade brasileira ao longo dos 500 anos de história da nação. Para tratarmos da figuração da mulher na história e na literatura, valemo-nos dos pressupostos de Zolin (2009); Lopez (2020), Uber (2022), entre outros. Demonstramos, assim, que o romance histórico em suas vertentes críticas latino-americanas (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003; LARIOS, 1997; KLOCK, 2020) apresenta projetos estéticos decoloniais (MIGNOLO, 2017; LUGONES, 2019) que valorizam, na escrita literária, as tradições da oralidade. Isso resulta na valorização, na preservação e na resistência dessas expressões da cultura popular das nações da América Latina.

Palavras-chaves: Resignificações do passado na América; Romance histórico contemporâneo de mediação; Memória; Oralidade; Contação de histórias.

Abstract: In this text we aim to show that the oral traditions are also incorporated in the nowadays Latin American literary writings. (OLIVEIRA, 2019). Therefore we present our reading of the novel *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), by Maria José Silveira. We classify this literary work by Silveira as a contemporary historical novel of mediation, according to the theoretical presumptions established by Fleck (2017). The characteristics of this specific modality of historical novel are appointed by us along this text also under the support of the presumptions by Klock (2020) and Oliveira (2019), among others. Along the plot of this novel the narrator acts as a “storyteller” (SANTOS; APOEMA; ARAPIRACA, 2018), which is a cultural trace of the ancient’s American people. Through the evocation of the familiar memories the enunciation of the literary discourse in the novel highlights the importance of women in the construction of the Brazilian society along 500 years of national History. In this paper, to approach the figuration of women in History and in Literature we use the studies carried out by Zolin (2009); Lopez (2020), Uber (2022), and others. In this way we demonstrate that the historical novel, in its Latin American critical writings (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003; LARIOS, 1997; KLOCK, 2020), presents decolonial aesthetic projects (MIGNOLO, 2017; LUGONES, 2019) that value in the literary works the oral traditions. This results as a way of valorizing, of preservation and as a way of resistance of these popular cultural expressions of Latin America’s nations.

Key-words: Reframing of the past in America; Contemporary historical novel of mediation; Memory; Orality; Story telling.

*Recebido em 31 de outubro de 2022
Aprovado em 12 de fevereiro de 2023*

LOPES, Cristian Javier. FLECK, Gilmei Francisco. MORAIS, Solange Santana Guimarães. Quando as mulheres contam histórias: *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) – a construção da memória familiar pela contação de histórias. *Légua & Meia*, Brasil, v.14, n. 2, p. 227-246, 2022.

Introdução: a oralidade ancestral latino-americana e a colonialidade do poder

Quando, em 1492, produziu-se um dos maiores choques culturais da história ocidental: o enfrentamento entre as comunidade originárias da América e a expedição de Cristóvão Colombo rumo a Cipango e a Cathay (Japão e China) –, dando início ao processo de colonização da América pelas metrópoles europeias (QUIJANO, 1988; DUSSEL, 1994).–, a manutenção da memória coletiva dos autóctones americanos, ancorada totalmente na oralidade, é fortemente abalada pela força avassaladora da escrita introduzida nesse contexto e imposta como meio de registro e de dominação pelos colonialistas a serviço das coroas exploratórias. Essa espécie de matriz colonial do poder passa a ser denominada de “colonialidade”; de acordo com as reflexões de Mignolo (2007).

É essa retórica – da modernidade/civilidade –, ancorada nos signos da “liberdade”, da “salvação” e do “progresso” que cria as bases para as ações “civilizatórias” dos europeus na América. Essas, por sua vez, atuam como meios de justificação à aculturação e à destruição dos bens materiais e imateriais dos povos originários para que a instauração do “mundo moderno” (DUSSEL, 1994) siga os seus irreversíveis passos em nosso continente. Como consequências, temos, entre outros vários processos colonialistas a marginalização das culturas ágrafas e dos rituais sagrados da oralidade dos povos originários frente às perdurações da escrita, aptas a perpetrar nos registros da história da América a visão hegemônica europeia sobre o nosso passado.

O exercício da prática escritural efetuada pelos recém-chegados, em detrimento da comunicação oral dos povos nativos, garantiu aos europeus a “posse” do território, ação exposta no primeiro registro escritural realizado em terras americanas, como podemos observar na anotação realizada no *Diário de bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo, na entrada do dia 11 de outubro de 1492:

*El Almirante llamó a los dos capitanes y los demás que saltaron en tierra, y a Rodrigo d'Escobedo escrivano de todo el armada, y a Rodrigo Sánchez de Segovia, y dixo que le diesen por fe y testimonio cómo él por ante todo tomava, como de hecho tomó, posesión de la dicha isla por el Rey y por la Reina sus señores, haciendo las protestaciones que se requerían, como más largo se contiene en los testimonios que allí se hizieron por escripto*¹ (VARELA, 1986, p. 61-62).

Alheios aos rituais da escrita que lhes estavam usurpando a posse das terras nas quais sempre haviam habitado – e ignorantes das intenções dos invasores –, os nativos taino da ilha de Guanahaní – hoje território do Haiti e da República Dominicana – receberam, amistosamente, estes seres estranhos vindo do ocidente e lhes alimentaram e abasteceram de tudo que lhes fazia falta após a longa travessia do Atlântico. Essa mesma

¹ Nossa tradução: O Almirante chamou aos dois capitães e aos demais que saltaram em terra, e a Rodrigo d'Escobedo escrivão de toda a armada, e a Rodrigo Sánchez de Segovia, e lhes disse que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos tomava, como, de fato tomou, posse da dita ilha em nome do Rei e da Rainha, seus senhores, fazendo as protestações que se requeriam, como mais por extenso está contido nos testemunhos que ali se fizeram por escrito. (VARELA, 1986, p. 61-62). Obs: Usamos, neste estudo, a edição do *Diário de bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo, feito pela estudiosa espanhola Consuelo Varela.

receptividade tiveram os tripulantes da frota de Pedro Álvares Cabral, em 1500, que aportaram nas terras do sul da Bahia para oficializar a posse desse território ao reino de Portugal, como fica claramente expresso na *Carta de Achamento* ([1500], 2019), do escrivão Pero Vaz de Caminha. A dimensão daqueles enfrentamentos só seria cabalmente compreendida vários séculos depois, quando se pôde afirmar que

[...] the absence of writing determined the predominance of ritual over improvisation and cyclical time over linear time [...]. The unlettered peoples of the New World could not bring the strangers into focus; conceptual inadequacy severely impeded, indeed virtually precluded, an accurate perception of the other. [...] That led to disastrous misperceptions and miscalculations in the face of the conquistadores. That culture that possessed writing could accurately represent to itself (and hence strategically manipulate) the culture without writing, but the reverse was not true. For in possessing the ability to write, the Europeans possessed [...] an unmistakably superior representational technology². (GREENBLATT, 1991, p. 11).

É, justamente, essa “tecnologia representacional superior” – a escrita dominada pelos europeus – que vai, gradativamente, colocando à margem todas as manifestações orais das culturas originárias da América, pelas quais estes povos sempre preservaram a sua memória individual e coletiva. Ao pensarmos no processo de manutenção do passado pela oralidade, um aspecto fundamental de nossas culturas ancestrais, ligado, também, ao respeito e à valorização da velhice nesse sistema cultural, o mexicano Carlos Fuentes (1992, p. 378) afirma que, em nosso continente, isso

[...] se refiere al carácter básicamente oral de la cultura hispánica, una cultura en la cual los viejos son los que recuerdan las historias, los que poseen el don de la memoria. Se puede decir que cada vez que mueren un hombre o una mujer viejos en el mundo hispánico, toda una biblioteca muere con ellos. Este valor está íntimamente ligado al de la familia, el compromiso familiar, la lucha para mantenerla unida, a fin de evitar la pobreza, y aun cuando no le la venza, para evitar una pobreza solitaria. La familia vista como hogar, calidez primaria. La familia vista casi como un partido político, el parlamento del microcosmos social, red de seguridad en tiempos difíciles³.

² Nossa tradução: A ausência da escrita determinou a predominância do ritual sobre a improvisação e do tempo cíclico sobre o tempo linear [...]. Os povos iletrados do Novo Mundo não conseguiram focalizar os estranhos; a inadequação conceitual severamente impediu, de fato, virtualmente excluiu uma percepção precisa do outro. [...] Isso conduziu a percepções desastrosas e inadequadas e cálculos equivocados em face dos conquistadores. Aquela cultura que possuía um sistema de escrita pôde, de forma adequada, representar para si (e, portanto, estrategicamente manipular) a cultura que não o possuía, mas o processo inverso não se deu. Por possuírem a habilidade da escrita, os europeus possuíam também uma tecnologia representacional superior inequívoca. (GREENBLATT, 1991, p. 11).

³ Nossa tradução: [...] se refere ao caráter basicamente oral da cultura hispânica, uma cultura em que os velhos são aqueles que se lembram das histórias, os que possuem o dom da memória. Pode-se dizer que toda vez que morre um homem ou uma mulher, idosos hispânicos, toda uma biblioteca morre com eles. Este valor está intimamente ligado ao da família, ao compromisso familiar, à luta para mantê-la unido, a fim de evitar a pobreza, e mesmo quando essa não é superada, para evitar a pobreza solitária. A família é vista como lar, calor primário. A família vista

Os sagrados rituais do cultivo da memória pela oralidade, pela contação das histórias ancestrais, no seio das famílias subjugadas na América pelo poder colonizador tornaram-se símbolos de resistência à dominação e à aculturação aos quais as nações originárias da América foram submetidas durante séculos de exploração colonialista. O poder colonial instaura-se e se efetua a partir daquilo que se escreve, que se testemunha, que se afirma pela letra escrita e se assina. Nesse sistema, não são mais válidas as múltiplas manifestações da oralidade.

A “modernidade” – que historicamente inicia-se com essa ação colonizadora europeia – passa, então, a colocar em marcha o seu projeto de “civilidade”, ou seja, “uma estrutura de controle e administração de autoridade, economia, subjetividade e normas de relações de gênero e sexo, que eram conduzidas pelos europeus [...]” (MIGNOLO, 2017b, 4-5). Conforme expressa Uber (2022, p. 81), “a colonialidade de poder conseguiu impor ideais de inferiorização em relação às posições sociais e culturais divergentes daquela estabelecida pelo colonizador branco europeu, elevando a cultura europeia a uma configuração de superioridade.” Conforme explicitam Dorado Mendez e Fleck (2022, p. 126-127),

[...] no imaginário eurocêntrico, à civilização moderna colonizadora cabia a missão de outorgar a “luz do progresso” às sociedades indígenas que não haviam “alcançado”⁴ tal estágio de desenvolvimento, como um dever moral. Diante do embate que esse processo provocava, a práxis moderna se vinculou às práticas da violência, justificando a instauração de uma guerra colonial, concebida sob a perspectiva social eurocêntrica como uma guerra emancipadora. Assim se dá início ao fenômeno político-social do colonialismo (QUIJANO, 1988), com implicações até a contemporaneidade.

Nesse contexto, e no exercício do poder colonialista, as manifestações da oralidade dos povos originários passaram a ser vistas como traços de “barbárie” frente às potencialidades da leitura e da escrita dominadas pela elite branca europeia aqui assentada como mandatária e detentora de todos os poderes. O cultivo dessas manifestações ancestrais entre as comunidades originárias, com o passar do tempo e o surgimento de novas gerações – forçosamente adaptadas às manifestações culturais avalizadas pelo poder – foi sendo, gradativamente, limitado e, em muitos casos, até extinto.

Desse modo, conforme expõe Mignolo (2017b, p. 8), “o conhecimento ocidental tornou-se uma mercadoria de exportação para a modernização do mundo não ocidental.” Essa ação efetua-se, entre outras imposições colonialistas, por uma ideologia “focada em salvar as almas pela conversão ao cristianismo.” (MIGNOLO, 2017b, p. 8). Essa “ação civilizatória” europeia na América, como parte inerente à colonialidade, também se voltava a

quase como um partido político, ou parlamento do microcosmo social, rede de segurança em tempos difíceis. (FUENTES, 1992, p. 378).

⁴ Nesse espaço, os autores inserem uma nota que reproduzimos, aqui, pela importância que ela apresenta como indicação de subsídio teórico a essas informações: “Entre esses destacamos: Catherine Walsh, Zulma Palermo, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gomez e Nelson Maldonado.”

[...] classificar como inferiores e alheias ao domínio do conhecimento sistemático todas as línguas que não sejam o grego, o latim e as seis línguas europeias modernas, para manter assim o privilégio enunciativo das instituições, os homens e as categorias do pensamento do Renascimento e a Ilustração europeias. As línguas que não eram aptas para o pensamento racional (seja teológico ou secular) foram consideradas as línguas que revelavam a inferioridade dos seres humanos que as falavam. (MIGNOLO, 2017a, p. 18-19).

Submetidas a todas essas atrocidades, as comunidades originárias da América Latina – assim como também muitas das mestiças e híbridas que a colonialidade produziu nesse espaço histórico, social e geográfico do nosso continente – tiveram que, ao longo do tempo, encontrar espaços de manifestação, de enunciação de suas vozes subalternizadas e inferiorizadas. Uma dessas formas encontradas de manifestar uma perspectiva outra sobre a colonialidade foi encontrada na arte literária. Vejamos, na sequência, como, em especial, as mulheres latino-americanas tiveram que lutar pelo direito de expressão nesse espaço também dominado pela presença e pelo poder patriarcalista.

Quando as memórias são recuperadas pelas vozes subalternas femininas na América: a arte literária como via de descolonização

Leitura e escrita na América Latina – ações sempre sob o controle das elites brancas colonizadoras – passaram a ser, nesse contexto, meios de seleção e de distinção no universo colonizado da América. As línguas europeias, transplantadas (PAZ, 1994) às realidades alheias da América, passam, gradativamente, a se constituírem meios exclusivos de enunciação e representação valorizados e reconhecidos. Esses meios são exercidos, com prioridade, pelo homem branco europeu. Esse se vale da leitura e da escrita para perpetuar nos anais da história (com intuitos, também, de calcar espaço na memória coletiva) a sua visão colonialista de mundo e a versão do passado que melhor lhe convinha. Já

[...] *nuestras literaturas no vivieron pasivamente las vicisitudes de las lenguas transplantadas: participaron en el proceso y lo apresuraron. Muy pronto dejaron de ser meros reflejos transatlánticos; a veces han sido la negación de las literaturas europeas y otras, con más frecuencia, su réplica*⁵. (PAZ, 1994, p. 432).

Nesse universo das relações entre colonizador e colonizado, a escrita da história e a escrita literária, às vezes, enfrentaram-se em muitos sentidos – especialmente quando a arte literária buscou enaltecer a primazia da comunicação oral – e em outros momentos harmonizaram-se sob a ótica patriarcalista da escrita do poder colonialista que se manteve

⁵ Nossa tradução: Nossas literaturas não viveram passivamente as vicissitudes das línguas transplantadas: participaram do processo e o apressaram. Logo, deixaram de ser meros reflexos transatlânticos; algumas vezes, foram a negação das literaturas europeias e outras, com mais frequência, sua réplica.

em vigor, também, no período pós-independências na América. Hoje, “ver a colonialidade é conseguir perceber a poderosa redução de seres humanos a animais, a seres inferiores por natureza, num entendimento esquizoide da realidade que cria as dicotomias humano/natureza, humano/não humano [...]” (LUGONES, 2019, p. 369). É no espaço da arte literária que tais dicotomias têm sido trazidas à luz, pois

[...] a oralidade assume nessa perspectiva ficcional romanesca o papel de fonte de manifestações das identidades das culturas, crenças e valores populares. Ao se narrar a história das pessoas que compõem esses grupos sociais marginalizados, contando e recontando, de geração para geração, episódios de seus passados há uma construção e uma manutenção da resistência. Isso possibilita, também, imaginar transformações futuras a partir do contato com as diferentes e novas visões das origens dos povos mestiços e híbridos da América Latina. (OLIVEIRA, 2019, p. 29).

Nesse contexto, as línguas originárias perdem sua força e passam a ser reclusas aos ambientes marginalizados dessas sociedades mestiças nascentes no continente americano, ao espaço íntimo e restrito do lar – comumente dominado pelas mulheres – e a palavra escrita – do homem branco, colonizador, machista e patriarcalista – impera nos domínios sociais de todo o período colonial e, como reminiscência dele, também nos demais períodos que o seguem, com certa primazia. Nesse contexto, cabe-nos lembrar de que

[...] *según una tradición en la cultura occidental, la mujer debía saber leer pero no tener la capacidad de escribir. La lectura es un vehículo que impone una autoridad. El texto transmite en su lectura (al menos es lo que piensan los productores de textos) un orden, una disciplina, una forma de coacción. Por el contrario, la escritura procura la posibilidad de una libertad al ser comunicación, intercambio, posibilidad de escapar del orden patriarcal, matrimonial o familiar*⁶. (CHARTIER, *apud* CUE, 1999, p. 27).

Longo e árduo foi o caminho que tiveram que percorrer as mulheres em nosso continente para que tivesse acesso à educação⁷ e, mais ainda, para que, finalmente, fossem

⁶ Nossa tradução: segundo uma tradição da cultura ocidental, a mulher devia saber ler, mas não ter a capacidade de escrever. A leitura é um veículo que impõe uma autoridade. O texto transmite em sua leitura (ao menos isso é o que pensam os produtores de textos) uma ordem, uma disciplina, uma forma de coação. Pela contrária, a escrita procura a possibilidade de uma liberdade ao ser ela comunicação, intercâmbio, possibilidade de escapar da ordem patriarcal, matrimonial ou familiar (CHARTIER, *apud* CUE, 1999, p. 27).

⁷ No Brasil, as mulheres só tiveram acesso à educação pública formal, a partir da Proclamação da República. Antes disso, indígenas, africanos, afrodescendentes e mulheres estavam excluídos do direito de frequentar as poucas escolas públicas que havia no território. “Em 1876, 78% dos brasileiros eram analfabetos. Isso não é de assustar, já que até a Proclamação da República, em 1889, índios, negros e mulheres estavam excluídos do sistema educacional. Até o Período Republicano apenas uma minoria do povo teve acesso à educação formal.” (FLECK, 2018, p. 16).

reconhecidas como escritoras, conforme revelam os estudos de Lopez (2020), ao comentar que

[...] el estudio sobre las mujeres que desarrollaron su labor de escritoras en el continente latinoamericano es todavía una tarea que demanda esfuerzo y dedicación, para recuperar las voces que no tuvieron el merecido reconocimiento. La marginalización de ciertos grupos – negros, mujeres, indígenas, entre otros – se dio desde dentro del espacio cultural latinoamericano, construido sobre las bases del patriarcado y del colonialismo que siguió las huellas del falocentrismo y de la discriminación étnica racial⁸. (LOPEZ, 2020, p. 262).

O fato apontado pelo pesquisador é consequência de ações históricas que comumente excluíram as mulheres dos registros oficializados. Foram essas escritas avalizadas pelo poder de cunho masculino, patriarcalista que estabeleceram, também, as bases daquilo que se tornou o modelo canônico literário ocidental que, segundo Reis (1992, p. 72), “[...] está impregnado de pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo, o arianismo e a moral cristã.” É importante ressaltarmos que

[...] ese sistema en América fue regido por el hombre blanco, defensor de la superioridad masculina y de la etnia blanca. Esa realidad se ha reflejado en todos los posibles campos de actuación en América y sigue excluyendo, hasta los días de hoy, varios grupos humanos de los centros de poder. Guerra⁹ defiende que ‘la exclusión de la mujer de las áreas de la teología, el trabajo, la educación y la política fue, hasta principios del siglo XX, un fenómeno que corrobora esta acción colonizadora del patriarcado.’ (2004: 26). Ardua ha sido la labor de las mujeres para llegar a alcanzar reconocimiento en estas realidades¹⁰. (LOPEZ, 2020, p. 262).

⁸ Nossa tradução: [...] o estudo sobre as mulheres que desenvolveram seu trabalho de escritoras no continente latino-americano é, todavia, uma tarefa que demanda esforço e dedicação, para recuperar as vozes que não obtiveram o merecido reconhecimento. A marginalização de certos grupos – negros, mulheres, indígenas, entre outros – deu-se desde dentro do espaço cultural latino-americano, construído sob as bases do patriarcado e do colonialismo que seguiu os passos do falocentrismo e da discriminação étnica racial. (LOPEZ, 2019, p. 262).

⁹ O autor, aqui, refere-se aos estudos feministas desenvolvidos pela estudiosa Lucía Guerra, em especial aos que se encontram inseridos em sua obra *La mujer fragmentada: historias de un signo*, publicados pela editorial chilena Cuarto Propio, em 2004.

¹⁰ Nossa tradução: Esse sistema na América foi regido pelo homem branco, defensor da superioridade masculina e da etnia branca. Essa realidade tem-se refletido em todos os possíveis campos de atuação na América e segue excluindo, até os dias de hoje, vários grupos humanos dos centros de poder. Guerra defende que ‘a exclusão da mulher das áreas da teologia, do trabalho, da educação e da política foi, até os princípios do século XX, um fenômeno que corrobora esta ação colonizadora do patriarcado.’ (2004: 26). Árdua em sido o trabalho das mulheres para chegar a alcançar reconhecimento nestas realidades. (LOPEZ, 2019, p. 262).

Desse modo, as representações da mulher no espaço escritural, seja da historiografia ou da literatura, estiveram, durante séculos, centralizadas na ação e na perspectiva masculina. Essa busca, claramente, edificar imagens da mulher que se adequassem às ideologias reinantes na perspectiva patriarcalista que dava ao homem inúmeras vantagens frente à mulher. Excluída, quase que por completo, da vida pública e confinada ao espaço doméstico, a mulher em poucas ocasiões teve espaço para deixar registrado, por escrito, os percalços de suas experiências.

Nesse contexto, é bastante claro o que aponta Perrot (2012, p. 17) ao mencionar que

[...] as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. [...] Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.

Enfrentar-se com essa realidade sempre exigiu das mulheres escritoras – vistas como um dos tantos grupos minoritários oriundos do sistema colonial no qual foram gestadas as nossas sociedades – esforços hercúleos. Elas, no entanto, “construíram sua tradição literária a partir das relações ainda em desenvolvimento, travadas com a sociedade maior em que se inserem.” (ZOLIN, 2009, p. 329-330). Um exemplo disso, em nossa sociedade brasileira, é a romancista Maria José da Silveira. Neste texto, buscamos ler, em sua obra *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), como as premissas da oralidade são recuperadas e valorizadas pela “contação” da história da saga das mulheres de uma família tipicamente brasileira, no intuito de manter viva a memória feminina familiar.

Quando se trata de contar uma história da história: o romance histórico contemporâneo de mediação de Silveira (2002)

As escritas híbridas de história e ficção, consideradas romances históricos, implementaram-se pela escrita romanesca do escocês Walter Scott, sendo a obra *Waverley* (1814) a primeira reconhecida nesse gênero pela crítica literária (LUKÁCS, 2011) e o romance *Ivanhoe* (1819), também de Scott, a obra que fixa os paradigmas dessa expressão mista de história e ficção. Ela nasceu acrítica, ou seja, corroborando o discurso anteriormente expresso pela historiografia sobre personagens e eventos marcantes de uma sociedade. Na América, no período do romantismo, esse gênero – já em expressões de sua segunda modalidade¹¹ – o romance histórico tradicional, derivado da modalidade

¹¹ Nos estudos sobre a trajetória do romance histórico, elaborados por Fleck (2017), o crítico propõe dois grupos principais de romances históricos: o acrítico e o crítico; três fases: a acrítica, a crítica/desconstrucionista, e a crítica/mediadora. Toda essa produção o crítico organiza em 5 distintas modalidades de expressão do romance histórico: o romance histórico clássico scottiano, o romance histórico tradicional, o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica e o romance histórico contemporâneo de mediação. Neste estudo valemo-nos dessas taxonomias de Fleck (2017) para nos referir às diferentes modalidades de expressão que o gênero tem desenvolvido ao longo dos séculos.

clássica scottiana primeira – serviu às nascentes sociedade recém independentes das metrópoles colonizadoras europeias como forma narrativa de construir e instituir sentimentos de nacionalismo e de promover ao estatuto de heróis alguns sujeitos, cujas ações interessavam ao poder estabelecido.

Ao se praticar essa escrita em território antes colonizado, subjugado e explorado pelas potências europeias – na América Latina, em especial –, ela passa, gradativamente, a ser, para os romancistas dos espaços antes colonizados, meio e forma de contestação daqueles registros hegemônicos sobre o nosso passado. A partir da década de 1930, os romancistas da América Hispânica – inseridos no movimento da “nova narrativa latino-americana”, que busca potencializar, pela diferenciação e enfrentamento com as premissas narrativas europeias suas produções (KLOCK, 2011) – começam a fazer uso dessa expressão híbrida de história e ficção de forma crítica e desconstrucionista, já que, nesse contexto

[...] *los escritores buscaron las vías para dar voz a esa memoria viva de sus pueblos y para exponer no sólo lo que significó para ellos la llegada de los españoles y los europeos, sino también lo que pensaban de aquella civilización que destruyó su mundo y su cultura. Y una de estas vías la encontraron en la novela histórica*¹². (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).

Tal processo tem sua primeira manifestação já na obra inaugural do gênero no espaço latino-americano, por meio da escrita crítica do romance de autoria anônima *Xicoténcatl*¹³, de 1826 (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017). Entretanto, é com o romance *Mi Simón Bolívar*¹⁴ ([1930] 2002), do colombiano González Ochoa, escrito em 1930, que se lançam as bases de uma escrita ficcional altamente crítica e desconstrucionista que irá prosperar ao se reler, sob ângulos desconstrucionistas, as ações de Simón Bolívar, considerado o “Libertador” pelo discurso historiográfico. Na sequência, temos as ações escriturais críticas do cubano Alejo Carpentier, com *El reino de este Mundo* (1949), *El*

¹² Nossa tradução: [...] os escritores buscaram as vias para dar voz a essa memória viva de seus povos e para expor não somente o que significou para eles a chegada dos espanhóis e dos europeus, mas também o que pensavam daquela civilização que destruiu seu mundo e sua cultura. Uma destas vias eles encontraram no romance histórico. (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).

¹³ Este romance, pertencente à literatura mexicana, foi traduzido ao português, pela primeira vez, no ano de 2020, por Gilmei Francisco Fleck, e publicado pela editora CRV, de Curitiba-PR. Esse primeiro romance histórico latino-americano é *corpus* de análise da dissertação *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*, defendida no ano de 2017, na Unioeste/Cascavel-PR, por L4ila Shaí Del Pozo González. Essa é, também, uma ação inserida no contexto dos estudos em tradução realizadas no Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América; processos de leitura escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Recomendamos a leitura desse texto para conferir o teor crítico da obra nele analisada. Estudo disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3452>. Acesso em: 30 nov. 2022.

¹⁴ O romance *Mi Simón Bolívar* ([1930] 2002), é *corpus* de estudo da dissertação *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*, de Hugo Eliecer Dorado Mendez – membro do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização – defendida em 2020, na UNILA – Universidade da Integração Latino-americana. Recomendamos a leitura desse texto. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/6101/Nuestro%20Bol%20c3%a0advar%20da%20Heroifica%20c3%a7%20c3%a3o%20c3%a0%20Humaniza%20c3%a7%20c3%a3o%20da%20sua%20Figura%20na%20Fic%20c3%a7%20c3%a3o?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 dez. 2022.

siglo de las luces (1962) e *Concierto Barroco* (1974), e a solidificação da terceira modalidade do romance histórico, já no período auge do *boom* da literatura latino-americana, pela atuação do paraguaio Roa Bastos, com o romance *Yo el supremo* (1974). De acordo com Fleck (2017), na sequência da implementação dessa fase crítica/desconstrucionista da escrita do romance histórico, surge uma nova fase nessa trajetória. Essa se dá a partir das transformações operadas na narrativa latino-americana pelos pressupostos do pós-*boom* (KLOCK, 2021). Essa nova fase é denominada pelo crítico como “crítica/mediadora”, por estabelecer certos amálgamas entre as características das fases anteriores – a acrítica e a crítica/desconstrucionista. Esse é o momento em que o romance histórico na América Latina

[...] *se vuelve crítica del presente e intenta, en el orden consciente de su generación, a través de la impugnación, la parodia, la ironía, la deconstrucción, el anacronismo, la simultaneidad de un pasado alterno, una visión totalizadora del mundo. Instaura en su nuevo saber narrativo lenguajes especializados, exclusivos, intertextualizados, con los que se disputa el saber científico de la historia la tarea final con el pasado histórico: su comprensión*¹⁵. (LARIOS, 1997, p. 133).

Enquanto a fase crítica/desconstrucionista do gênero romance histórico está composta pelas modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica – escritas altamente críticas, elaboradas a partir das premissas do experimentalismo linguístico e formal implementado pelo *boom* da literatura latino-americana – a terceira fase é composta pela modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Essas diferentes fases da escrita do romance histórico, apontadas por Fleck (2017), convivem, simultaneamente, nas produções do gênero em nossos dias. A importância de nos voltarmos para essa produção reside no fato de que

[...] ler os romances históricos das fases críticas da trajetória do gênero, especialmente aqueles inseridos na “Poética do ‘descobrimento’”, significa empreender uma jornada rumo à descolonização, à desterritorialização do imaginário sequestrado pelos conquistadores e à abertura de vias, também, para a reterritorialização desse espaço pela possibilidade de conceber outras visões desse passado. Isso garante ao sujeito latino-americano a segurança de uma história própria que, mesmo impregnada de tantas fatalidades, revela sujeitos ativos no devir do tempo. (KLOCK, 2020, p. 307).

A escrita de Maria José da Silveira (2002) que, aqui, enfocamos como estratégia escritural literária de manutenção e, inclusive, ampliação, dos atos de oralidade, insere-se nesse contexto da produção de romances históricos crítico – mais especificamente na terceira fase, a crítica/mediadora, de produção híbrida de história e ficção hodierna da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Vemos nela o seguimento

¹⁵ Nossa tradução: [...] torna-se crítica do presente e tenta, na ordem consciente de sua geração, através da impugnação, da paródia, da ironia, da desconstrução, do anacronismo, da simultaneidade de um passado alterno, uma visão totalizada de mundo. Instaura em seu novo saber narrativo linguagens especializadas, exclusivas, intertextualizadas, com as quais se disputa o saber científico da história a tarefa final com o passado histórico: sua compreensão.

da luta incansável das comunidades híbridas latino-americanas para a manutenção dos valores e das tradições orais, ancoradas em relatos transmitidos de geração a geração. Há, também, um forte apelo à memória nessa escrita de Silveira (2002) e à presença marcante de rastros da oralidade ancestral sendo revitalizados pela escrita literária.

Ambientada, em grande parte, no período colonial do Brasil, o relato volta-se, inevitavelmente, à existência de personagens que não dominavam a escrita e, assim, valorizavam a oralidade como meio de cultivo da memória. Assim, nessa representação literária da saga de um grande conjunto de personagens-mulheres que acompanharam a construção da sociedade brasileira, vemos que,

[...] como é comum em espaços iletrados, onde há o predomínio da linguagem oral, as representações femininas e os feitos realizados pelas mulheres emergiam no universo das conversas, das trocas de informações informais, do hábito de contar histórias, de recordar e rememorar o passado. Desse modo, enquanto o homem erigiu imagens estáveis e sólidas de suas autorrepresentações pelo exercício da escrita, a mulher e suas próprias projeções ficaram confinadas ao universo instável e precário – embora rico e fundamental – da oralidade, no qual as imagens, não materializadas, ficam à sorte da memória. (OLIVEIRA, 2019, p. 13).

Ao empreender um projeto estético decolonial, a fim de resgatar a importância da mulher na construção da sociedade brasileira, a autora opta por certos procedimentos narrativos que nos levam a identificar o seu relato com as premissas do romance histórico contemporâneo de mediação. Isso porque

[...] a leitura ficcional do passado compreendida pelo romance histórico contemporâneo de mediação busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa. Contudo, não se deixa de manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses. Tal manipulação não se configura, contudo, em anacronias exageradas ou sobreposições de diferentes tipos históricos ou narrativos na tessitura do romance [...]. (FLECK, 2017, p. 110).

É justamente com essa elaboração estrutural que o leitor se depara ao ler o romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), de Silveira. Nele temos uma diegese que repassa pelos eventos marcantes de toda a história do nosso país – da colônia à República. O relato centra-se na saga de vinte mulheres de uma mesma família que, desde os primeiros contatos com os colonizadores portugueses, constituíram uma trajetória que revela a mestiçagem étnica e a hibridação cultural operada no espaço que gerou a atual sociedade brasileira. A ênfase do relato destaca a atuação dessas mulheres, cujas ações tornaram-se alicerce para o estabelecimento da genealogia que alcança a contemporaneidade, embora as ações de muitas dessas mulheres tenham passado absolutamente despercebidas nos registros oficiais da historiografia brasileira.

Conforme expressa Lucia Zolin (2009, p. 329), a partir das décadas de 1970 e 1980, as mulheres escritoras “lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do

estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher.” Essa ação escritural decolonial em Silveira (2002) não só se materializa pela construção de uma legião de personagens femininas, mas, também, pela intenção de, pela própria escrita, conservar a memória familiar (individual e coletiva) pelo ritual da oralidade. Assim o relato ficcional de Silveira (2002) parte da premissa da manutenção da memória familiar entre as mulheres de uma determinada família. A partir disso confirma-se o que expressou Andreati (2021, p. 18) ao afirmar que “a memória está intimamente associada à capacidade de conservar acontecimentos anteriores e que, de acordo com as necessidades do presente, podem ser retomados.”

É, justamente, uma necessidade do presente que leva a narradora de *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) a empreender a retomada do passado familiar pela contação das histórias vivenciadas pelas suas antepassadas, mantendo, assim, aquilo que sempre foi tradição entre as mulheres de sua família: repassar às gerações futuras o conhecimento sobre o passado de suas antecessoras. Essa narradora, localizada no tempo presente – próximo à época do impeachment do presidente Color – sente a necessidade de transmitir à sua filha, prestes a dar à luz a uma nova integrante da família, aquilo que já havia ouvido de sua mãe, que o havia ouvida da mãe dela e essa, por sua vez, de sua mãe, a qual já havia, da mesma forma, escutado esse relato de sua antecessora como todas as outras mulheres pertencentes a sua genealogia já haviam feito. Nessa ação se concretiza a essência da contação de histórias, pois

[...] quando um contador de histórias narra para os ouvintes aquelas histórias que compõem seu repertório, acaba contribuindo para a constituição de uma unidade grupal, de um senso de comunidade, pois compartilha, entre outras coisas, desejos. Os arquétipos, os símbolos, as temáticas presentes nessas histórias são capazes de atravessar o tempo, porque encontram ecos na memória dos ouvintes, os quais passam a contar de novo e, às vezes, até para si próprios. (SANTOS; APOEMA; ARAPIRACA, 2018, p. 182).

Esse relato ficcional está assentado na materialização de uma linguagem heteroglósica, que valoriza os traços de oralidade. Isso se manifesta desde a presença das distintas vozes das personagens como, da mesma forma, na maneira como a narradora expressa-se frente aos que a escutam enquanto narra, cronologicamente, as vivências de suas antepassadas. Vejamos, no fragmento abaixo destacado, essa maneira de “conversar” com os interlocutores/narratários:

Está bem. Se é assim que vocês querem, vamos contar a história das mulheres da família. Mas vamos com calma. O assunto é delicado, a família é complicada, e nem tudo foi beleza nesta história. Houve, claro, felicidades e amores, muitas lutas e conquistas, grandes realizações – afinal, elas ajudaram a construir quase do nada este país. Mas houve também loucas, assassinas, muitas desgraças e tristezas. Grandes dores. Muitas mesmo. Lembrem-se também, se for o caso, de que foram vocês que me pediram para contar, desta vez, a vida das mulheres. (SILVEIRA, 2002, p. 11).

Nesse tom de conversação, de contação de história, a narradora empreende a sua revisitação ao passado, evocando suas memórias e buscando nelas a seleção daquilo que deseja repassar às próximas gerações. Nesse sentido, Candau (2019, p. 75) menciona que

[...] uma vez que os quadros sociais da memória orientam toda a evocação, a anamnese de todo indivíduo dependerá daqueles que lhe são contemporâneos: ele oferecerá, portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente.

São esses traços típicos da memória, observados pela autora de *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), que orientam a enunciação da narradora. Essa, assentada no tempo presente da enunciação, conta à sua filha – e à neta prestes a nascer – as tantas façanhas das mulheres que as antecederam. Assim, a narradora enuncia: “Se é assim que vocês querem, vamos contar a história das mulheres da família [...] afinal, elas ajudaram a construir quase do nada este país.” (SILVEIRA, 2002, p. 11). Essas memórias, transmitidas às gerações futuras pela oralidade ficcionalizada da narradora no romance, em um ato de contação de histórias, encontram, também, ecos nas proposições da nova história, pois

[...] hoje em dia, os projetos da história oral, passam a ter importância por tratarem de impressões, aspectos subjetivos, fantasias e visões de mundo que implicam interpretações das possíveis histórias feitas com critérios considerados científicos. (BOM MEHY, 2005, p. 45).

A contação de história principia-se com a enunciação “à hora da véspera daquele 21 de abril, um monte alto e redondo foi avistado pelos marujos em rebuliço [...] no exato momento em que a mãe de Inaiá se dirigiu para o recanto da floresta que previamente escolhera para esse dia, [...]” (SILVEIRA, 2002, p. 18). O inevitável encontro dessa indígena recém-nascida no “recanto da floresta” com os portugueses que acabam de aportar nas praias brasileiras alguns anos depois dá, assim, início à saga familiar relatada pela narradora. No romance, lemos o relato da voz enunciativa da história que conta o que se sucedeu após algum tempo da chegada dos brancos:

Em um ano Inaiá deu à luz. Chamou-a de Tebereté, e o pai balançou a cabeça satisfeito. Sim, eles estavam no paraíso, e vocês me perguntam se eles se amaram. O que é o amor, o que era o amor? Não ousou responder. Que eles certamente gostavam de transar um como o outro, que Fernão não procurou outras índias porque isso nem lhe passou pela cabeça, que os dois passavam horas rolando no chão entre as folhas, brincando e gemendo, que Fernão tomava banho no rio puxado por Inaiá, que queria melhorar o cheiro dele, que Inaiá só pensava em levá-lo para o sossego de sua rede, onde pudessem brincar sem as mordidas dos bichos nas folhas, tudo isso aconteceu assim. É isso o amor? Então, sim, eles se amaram. (SILVEIRA, 2002, p. 28-29).

As questões lançadas pela narradora aos seus ouvintes (os narratários), as suas respostas, o tom informal do relato, a linguagem coloquial, amena e fluída da narradora, tudo isso nos leva a identificar os traços de oralidade no próprio discurso escritural romanescos. Esses também são traços da escrita de Silveira (2002) que a vinculam à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. As proposições teóricas de Fleck (2017, p. 109-111) destacam seis características dessa modalidade do romance histórico, conforme apontamos abaixo:

1- Uma releitura crítica verossímil do passado [...] para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance [...]. 2 - Uma narrativa linear do evento histórico recriado. [...]. 3 - Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico [...] comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas “vistas de baixo” [...]. 4 - Emprego de uma linguagem amena, fluída, coloquial. [...] As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência na ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito. [...] 5 - Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. 6 - Presença de recursos metaficcionalis.

Os estudos realizados por Patrícia de Oliveira¹⁶ (2019) atestam que essas características encontram-se contempladas na obra de Maria Jose Silveira (2004). A pesquisadora ressalta, também, os traços de oralidade dos quais se vale a narradora para transmitir aos narratários as vivências das vinte personagens femininas que traçam a genealogia de quem relata os fatos históricos marcantes selecionados pela memória da enunciativa. Ela destaca, ainda, que as manifestações enunciativas da voz que conta a história das mulheres no romance deixam entrever ao leitor o “olhar visto de baixo” (SHARPE, 1992) “para o passado, para a história brasileira, para que revivamos e recriemos outra história tão mais presente e mais viva, capaz de incluir não apenas os “heróis”, mas o contingente todo que, com seu esforço, construiu a nação.” (OLIVEIRA, 2019, p. 54). Na conversa entre narradora e narratários vem à tona toda a representatividade das mulheres anônimas que se enfrentaram com os mais diversos dilemas, problemas e conflitos para levar adiante as ações de construção de uma sociedade.

Oliveira (2019), em sua leitura da obra de *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), destaca, na tessitura desse romance, que

[...] alguns acontecimentos históricos são, nesse sentido, sutilmente mencionados no romance, enquanto outros são detalhados com riqueza e profundidade. Entre tais fatos aparecem na diegese do romance episódios como: o “descobrimento” do Brasil (1500); as missões jesuítas (1549), sutilmente mencionadas; os índios; instituição do governo geral no Brasil (1549); a escravização de índios e negros; a Guerra contra os holandeses (1630); derrota dos holandeses: primeira e segunda batalhas dos Guararapes (1648); a extração do ouro em Minas Gerais (1694); a Guerra dos Emboabas (1708); a invasão dos piratas franceses (1710-1711), apenas mencionada na obra; a Revolução Francesa (1789); a personagem Tiradentes (1792); recusa pernambucana (1817); a independência do Brasil (1822); a fuga de D. João e sua mãe, dona Maria, a rainha louca (1824); a Guerra do Paraguai (1864); a abolição da escravatura (1870-1888); a Lei Áurea (1888); Proclamação da República (1889); a Guerra de Canudos (1897); o governo de Getúlio (1930); a eleição de Juscelino Kubitschek (1955); O regime militar (1964); o período das Diretas já (1984); o

¹⁶ A dissertação *Entre mulheres, a história: olhares literários sobre a colonização da América* (2019), de Patrícia de Oliveira, defendida na Unioeste/Cascavel-PR, trata de analisar o romance de Silveira (2004) como um expoente da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Recomendamos a leitura desse texto, disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4690>.

Impeachment de Collor (1992), dentre outros. (OLIVEIRA, 2019, p. 52).

A memória nacional brasileira é, por meio dos relatos vivenciais de cada uma das vinte personagens femininas do romance, repassada e oralizada pela narradora a seus narratários. Nesse processo de enunciação, o leitor pode, ainda, compreender que “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje na febre e na angústia.” (LE GOFF, 1996, p. 435). A identidade, híbrida e mestiça, do sujeito latino-americano não tem como se desprender dos traços de oralidade dos povos ancestrais que, como a narradora de *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), passavam seus conhecimentos sobre o passado às gerações futuras.

Ao iniciar seu relato com o nascimento da jovem Inaiá, parida no momento em que os portugueses lançavam âncoras nas águas do Atlântico, no sul da Bahia, em 1500, torna-se a ascendente primeira da família da narradora que se relaciona com um jovem marinheiro português e

[...] deste relacionamento nasce a mestiça Tebereté (1514-1548) e, assim, segue-se a trama linear com Sahy, (1531-1569), Filipa (1552-1584), Maria Cafuza (1579-1605), Maria Taiaôba (1605-1671), Belmira (1631-1658), Guilhermina (1648-1693), Ana de Pádua (1683-1730), Clara Joaquina (1711-1740), Jacira Antônia (1737-1812), Maria Bárbara (1773-1790), Damiana (1789-1822), Açucena Brasília/Antônia Carlota (1816-1906), Diana América (1846-1883), Diva Felícia (1876-1925), Ana Eulália (1906-1930), Rosa Alfonsina (1926-...), Lígia (1945- 1971), Maria Flor (1968-...).. (OLIVEIRA, 2019, p. 58).

A escritora Gloria da Cunha (2004) menciona que muitas escritoras latino-americanas, ao se dedicarem à escrita de romances históricos, mostram preferência “*por la recreación de la época de la conquista o de la colonia pero no con la voluntad de glorificarla, sino con ánimo de rescatar y destacar aspectos descuidados de la misma*”¹⁷. (CUNHA, 2004, p. 20). Ao lermos o romance *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) podemos afirmar que Maria José Silveira integra esse conjunto de escritoras críticas frente aos registros hegemônicos do passado colonial da América Latina. Seu posicionamento transcende das páginas do romance em passagens como as que abaixo destacamos:

Maria viu os pais morrerem sob tortura nas mãos do capitão-do-mato, João Tibiritê. Viu quando João arrancou as unhas de seu pai, enfiou uma peroba em seu ânus, furou seus dois olhos e deixou-o sangrando no chão. Viu quando o mesmo João, depois disso, se voltou para Filipa e lentamente foi cortando sua pele com um facão de ponta fina, de tal maneira que no final seu corpo em listras era uma fonte inundando de vermelho as folhas amontoadas no inocente chão milenar da mata. Maria Cafuza viu tudo isso. Tinha cinco anos de idade. E depois João Tibiritê a levou com ele. (SILVEIRA, 2002, p. 67).

¹⁷ Nossa tradução: [...] pela recriação da época da conquista ou da colônia, mas não com a vontade de glorificá-la, mas com ânimo de resgatar e destacar os aspectos negligenciados da mesma. (CUNHA, 2004, p. 20).

Com descrições dolorosas como essas, a autora coloca em circulação, na enunciação da narradora, pontos de vista contrários às práticas escravagistas dos colonizadores e revela, sem muita compaixão, as ações desumanas praticadas pelos sujeitos masculinos no exercício indiscriminado do poder. Cada vida relatada nesse romance é um apelo à consciência dos sujeitos para a necessidade de nos descolonizarmos e levarmos adiante os projetos decolônias que buscam extinguir de nossas sociedades as ainda permanentes atitudes colonialistas que discriminam, excluem, humilham e desprezam os sujeitos que não apresentam os estereótipos do colonizador.

Precisamos, assim, ler e ler mais para, futuramente, podermos contar e recontar outras histórias de homens e de mulheres que venceram as barreiras das reminiscências colonialistas na América Latina. Esse será um tempo em que leitura, escrita e oralidade traçarão, juntas, novas possibilidades de expressão a todos os sujeitos híbridos e mestiços das terras americanas.

Considerações finais

Como procuramos revelar neste texto, os traços marcantes da oralidade, cultivada desde as tradições dos povos originários da América, apesar de terem sido duramente empurrado à marginalização ao longo do processo de colonização de nossas terras, deixaram rastros e resquícios que nos possibilitam reavivá-los na contemporaneidade. Para isso, os escritores latino-americanos, de plena posse do domínio da escrita – que antes foi instrumento utilizados para a sua colonização – valem-se de estratégias escriturais que resgatam, paradoxalmente, os traços da oralidade pela própria escrita.

Desse modo, os sagrados princípios da oralidade, da contação de histórias, da passagem de conhecimentos de geração em geração pela voz dos mais velhos, os rituais de manutenção, conservação e evocação da memória individual, coletiva e nacional são integrados artisticamente nas tessituras narrativas, seja de contos, de crônicas ou de romances para trazer à tona, na atualidade, o quanto o saber popular, o conhecimento acumulado pelas vivências, as trocas de experiências entre os sujeitos podem e devem ser constitutivos de nossa identidade e de nosso acervo cultural. Em especial sobre a modalidade na qual se insere o romance de Silveira (2004), podemos mencionar que

[...] nessa fase crítica/mediadora, como é distintivo das produções que nela se encontram, há uma mediação entre as características mais tradicionais do gênero híbrido – pelo retorno da linearidade cronológica, da busca pela verossimilhança e pelo emprego de uma linguagem fluída e próxima do leitor, colhidas da primeira fase –, bem como o uso de recursos como a paródia, a intertextualidade e comentários metaficcionalis, estas evidentes na segunda fase do gênero. (KLOCK, 2020, p. 312).

Destacamos, também, que o gênero romance histórico tornou-se um dos meios mais expressivos utilizados pelos romancistas latino-americanos para se posicionar criticamente frente aos registros hegemônicos da historiografia tradicional que consignou os eventos do passado sob a ótica do colonizador. Muitos desses romances constituem-se em projetos estéticos decoloniais que buscam vias à descolonização das mentes e do imaginário dos povos latino-americanos que, ainda hoje, sofrem pelas reminiscências do colonialismo. A leitura feita do romance de Maria José Silveira (2002), leva-nos a “compreender a importância de *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) enquanto modelo de romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), que se ancora no ato de “recontar a história”, para a ressignificação do passado por meio da ficção literária.” (OLIVEIRA, 2019, p. 16).

A primazia que tomaram a leitura e a escrita – sempre centralizadas nas elites dominantes – em detrimento da oralidade ancestral nas sociedades estabelecidas no continente americano tem gerado, ao longo dos séculos, ações de resistência e de enfrentamentos que buscam a manutenção da cultura oral e suas manifestações, entre elas a da contação de histórias. O romance histórico, em suas vertentes críticas, tem sido sensível a essa necessidade e, por isso, tem incorporado, em muitas de suas expressões, as premissas comunicativas da própria oralidade. História, literatura e memória, na América Latina, não se constituem sem a devida valorização da oralidade.

REFERÊNCIAS

- ANDREATTI, Gabriela Soares Nogueira. *Sussurrando contra o esquecimento: análise da preservação da memória em O que ela sussurra* (2020), de Noemi Jaffe. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá-UEM/Maringá-PR, 2021.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- CAMINHA, Pero Vaz de. (1495 e 1521). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2019. (Coleção de bolso).
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUE, Alberto. *Cultura escrita, literatura e historia – Conversaciones con Roger Chartier*. México-D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- CUNHA, Gloria. *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*. 212 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.

DORADO MENDEZ, Hugo Eliecer; FLECK, Gilmei Francisco. Projetos decolonias na América Latina: o romance histórico latino-americano e a dupla descolonização epistemológica. *Nova Revista Amazônica*. V. X, n. 01, p. 125-139, junho, 2022.

DUSSEL, Eduardo. 1492 *El encubrimiento del otro*: Hacia el origen del “mito de la Modernidad”. La Paz: Plural Editores, 1994.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela*: poética de la novela histórica. 2.ed. Barañain (Navarra) – España: EUNSA, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Marvelous possessions: the wonder of the New World*. Chicago: Oxford University Press, 1991.

KLOCK, Ana Maria. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940)*: dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem. 2021. 331f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, Paraná, 2021.

LARIOS, Marcos Aurelio. Espejo de dos rostros. Modernidad y postmodernidad en el tratamiento de la historia. In: KOHUT, Karl. (Ed.). *La invención del pasado*. La novela histórica en el marco de la posmodernidad. Frankfurt/Madrid: Vervuert, 1997, p. 130-137.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 7.ed. Revista. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LOPEZ, Cristian Javier. Idea Vilariño (Uruguay) y Helena Kolody (Brasil): cantos a la vida – encuentros poéticos en América Latina. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) – Escola internacional de doutoramento da Universidade de Vigo - UVIGO; Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (cotutela de tese), Vigo/Espanha, 2020. Disponível em: http://www.investigacion.biblioteca.uvigo.es/xmlui/bitstream/handle/11093/1425/Lopez_CristianJavier_TD_2019_AA.pdf?sequence=4&isAllowed=y

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-377.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

- MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Trad. Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2007.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94, p. 1-18, junho/2017b.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, 1(1), p. 12-32, 2017a.
- OLIVEIRA, Patrícia de. *Entre mulheres, uma história: um olhar literário à colonização brasileira em A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002) – a mediação na releitura ficcional do passado. 2019. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.
- PAZ, Octavio. La búsqueda del presente. In: SKIRIUS, John. (Org.) *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 3. ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 431-442.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- QUIJANO, Aníbal. *Modernidad, identidad y utopía en América Latina*. Lima: Sociedad y Política Ediciones, 1998.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luí. (Org.). *Palavras da crítica - tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.
- SANTOS, Luciene. Souza.; APOEMA, Keu.; ARAPIRACA, Mry de Andade (Orgs.) **Contaçon de Histórias** – seguindo o curso das águas. 1ª edição: Feira de Santana. UEFS Editora, 2018.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: Burke, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 39-64.
- SILVEIRA, Marai José. *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*. São Paulo: Globo, 2002.
- UBER, Beatrice. *As Órfãs da Rainha – The Jamestown Brides – Les Filles du Roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América*. 404 f. Tese. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel–PR, 2022.
- VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza, 1986.
- ZOLIN, Lucia. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. rev. e ampl. Maringá, Eduem, 2009. p. 327-336.